

# O PAPEL HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, INDUSTRIAL, SERVIÇOS E AGROPECUÁRIA NA GÊNESE DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO MUNICÍPIO DE SANTA ROSA/RS

Lidia Linck Lagemann,  
Edemar Rotta

## Resumo

A Associação Comercial, Industrial, Serviços e Agropecuária (ACISAP) exerceu um papel decisivo no desenvolvimento econômico no município de Santa Rosa e, por consequência, na Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul. Fundada no mesmo ano de emancipação política do município, 1931, ela vem atuando ativamente como propulsora dos interesses de seus associados. O objetivo deste artigo é evidenciar o papel crucial desta entidade como propulsora do desenvolvimento local-regional, especialmente por sua ação em momentos decisivos do percurso histórico do município, tais como a modernização da agropecuária, nas décadas de 1950-60, e a redefinição do “modelo” de industrialização, nas décadas de 1980-90. Utiliza-se como referência metodológica a análise de documentos e a pesquisa-ação. Percebe-se que a atuação estratégica da entidade deu-se pela mobilização de seus associados e de lideranças locais regionais nos dois momentos decisivos do desenvolvimento do município. No primeiro deles, desencadeando a “operação tatú”, no sentido de viabilizar a modernização da agropecuária local-regional. E no segundo, articulando a parceria entre as indústrias multinacionais de produção de máquinas e implementos agrícolas (AGCO e John Deere) e as empresas locais do ramo metalmeccânico, no sentido de criar um polo do setor, com inserção regional, nacional e internacional.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo. Desenvolvimento. Santa Rosa. ACISAP.

## Introdução

A trajetória da Associação Comercial, Industrial, Serviços e Agropecuária de Santa Rosa mescla-se à história do município. Fundada em 18 de outubro de 1931, denominada Associação Comercial e Industrial de Santa Rosa, a entidade foi criada dois meses após a



emancipação política do município. Parte deste trabalho utilizar-se-á de referências históricas registradas em um livro intitulado: ACISAP 86 ANOS NO PALCO DA HISTÓRIA: A Força do Empresariado na Vanguarda do Desenvolvimento Comercial, Industrial, Tecnológico e Cultural de Santa Rosa. Um minucioso e desafiador registro histórico realizado por Teresa Neumann de Souza Christensen incentivada e apoiada pela gestão da presidente da ACISAP Círculo Liberali Paes, finalizado em novembro de 2017, ainda não publicado. O método de pesquisa-ação proposto neste trabalho leva em consideração os três círculos de inovações de base cooperativa: o círculo dos iniciadores, o dos contribuidores e, entre os dois primeiros, o dos inovadores/reformadores (PINEAU, 2006). Por aproximação de conceitos, a pesquisa em questão debruça-se no círculo mais externo, chamado de nebulosa dos contribuidores que de acordo com Pineau (2006):

[...] são as inúmeras pessoas e os inúmeros grupos que, fora da associação, contribuem para a utilização das histórias de vida em formação, pesquisa ou intervenção, para sua difusão e também para o seu desenvolvimento metodológico, ético e epistemológico. Dessa nebulosa de contribuidores, sobressaem-se particularmente os autores de memórias, teses e obras. Esses atores que se tornam autores contribuem muito para o desenvolvimento quantitativo e qualitativo da corrente. (PINEAU, 2006, p. 336).

Tendo isto em mente há de se valorizar o ponto de vista do indivíduo como disseminador da cultura da empresa ou organização aqui representada pela história da ACISAP, contada a partir do ponto de vista dos atores sociais participantes desta história. Quão importante é o seu relato para esta entidade e por entre quais nuances da história, que por vezes, esconderam-se nas entrelinhas, houve um pouco de pertencimento ao qual o leitor possa identificar-se? Cada vez mais notam-se fragmentos de 'experiência vivida' para a formação de competências e sua transmissão, para a cultura da empresa e, finalmente, para dar sentido à ação coletiva (PINEAU, 2006). Os autores traduzem por 'narração' o termo norte-americano *storytelling* (contar história). Os estudos sobre *storytelling* realizados por Alfredo Castro evidenciam que "[...] os princípios do *storytelling* aplicados na literatura, no cinema, na TV são perfeitamente aplicáveis no mundo corporativo, como por exemplo, em uma palestra de alinhamento estratégico, em uma mensagem corporativa transmitida por um CEO, em um comercial de TV de trinta segundos, ou em um plano de negócios." (CASTRO, 2013, p.8).



Inicialmente este artigo contextualiza o cenário atual em que está inserido o município de Santa Rosa, assim como a região da Fronteira Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. O inconformismo positivo e o espírito de equipe, apesar de serem termos atuais especialmente utilizados como ferramentas de gestão, são identificados como importantes diferenciais competitivos da região.

Em um segundo momento estudar-se-ão as bases históricas do desenvolvimento. Neste ínterim, pretende-se referenciar, através do registro histórico, a importância da Associação Comercial de Santa Rosa no fomento ao desenvolvimento, na articulação de políticas e atores sociais. Nesta região brotaram muitas sementes, das quais hoje colhem-se os frutos. Cabe valorizar, compreender e estudar, de que forma entrelaçaram-se as visões primordiais na gênese do desenvolvimento regional que até hoje sustenta a região. Quem foram os seus personagens e que legado deixaram para esta terra. É imprescindível que se entendam quais foram as bases deste sólido pensamento coletivo de enfrentamento às dificuldades as quais contribuíram para tornar a região um polo de crescimento econômico no estado do Rio Grande do Sul.

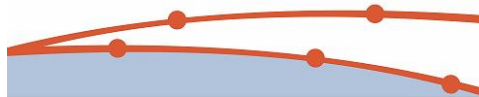
A atuação estratégica da ACISAP na mobilização de seus associados, de lideranças sociopolíticas e agentes econômicos viabilizou a busca de soluções para as principais crises vividas pela sociedade local-regional. A primeira delas, em torno da década de 1950, como a crise do modelo da agropecuária tradicional. A segunda em torno da crise da década de 1980, que levou ao estabelecimento de parceria entre as indústrias multinacionais de produção de máquinas e implementos agrícolas (AGCO e John Deere) e as empresas locais do ramo metal mecânico, no sentido de criar um polo do setor, com inserção regional, nacional e internacional.

## **1 O município de Santa Rosa como destaque regional**

A região de Santa Rosa era primitivamente habitada por indígenas da tribo Tapes que foram catequizados por jesuítas e espanhóis que colonizaram a região a partir de 1626. Integrada ao território dos 7 Povos das Missões, a extensa área de matas nativas, margeando o Rio Uruguai e permeada por pequenas porções de campo, se constituiu na base dos ervais<sup>1</sup> da experiência reducional. Com a desagregação da experiência reducional,

---

<sup>1</sup>A erva-mate representava um dos produtos principais de sustentação econômica dos 7 Povos das Missões, quer proveniente de ervais nativos ou cultivados.



a região passou a ser território de refúgio de indígenas que sobreviveram ao massacre das reduções e de caboclos que haviam sido excluídos da posse da terra, além de transformar-se em espaço de expedições particulares de exploração de erva-mate (ZARTH, 1997).

A partir da incorporação do território da região aos domínios portugueses, a mesma passou a ser objeto de um processo de colonização que previa a ocupação produtiva e a defesa do território. Com a independência do Brasil, o governo imperial dá sequência ao processo de colonização, optando por atrair europeus não-ibéricos e por implantar, na fronteira com a Argentina, um modelo de ocupação com base na pequena propriedade familiar. Projeto esse que tem sequência com a promulgação da Lei de Terras e com a Proclamação da República, que acaba transferindo o controle de sua concepção e execução aos governos estaduais.

O governo do estado do Rio Grande do Sul, de inspiração positivista, opta por implantar, na região de Santa Rosa<sup>2</sup>, um processo de colonização com base na ideia de integração entre os nacionais<sup>3</sup> e os europeus não-ibéricos<sup>4</sup> e seus descendentes. A criação da Colônia Mista Santa Rosa, em 1915, com sede no povoado 14 de julho, representou a base desse modelo. A Colônia Santa Rosa passou a articular outros dois movimentos de ocupação do território, através da Inspeção de Terras, com sede no povoado 14 de Julho. De um lado, o movimento que atraía europeus não ibéricos e de outro, que atraía descendentes dos mesmos, provenientes das Colônias Velhas<sup>5</sup> e das Novas Colônias do Planalto gaúcho<sup>6</sup> (ROTTA, 1999).

A reocupação dessa última fronteira de colonização, no estado do Rio Grande do Sul, se dá de uma forma muito rápida. A partir de 1929, após alguns anos de idealização, iniciam-se as tratativas para a emancipação do município de Santa Rosa, que na época já contava com 35 mil habitantes e uma arrecadação considerável. A emancipação, efetivamente, ocorreu em 10 de agosto de 1931, consolidando a ideia de um modelo

<sup>2</sup>Nome pelo qual a extensa área de terras na divisa com a Argentina era conhecida. A partir da criação dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES), em 1994, é que esta região passa a ser denominada Fronteira Noroeste.

<sup>3</sup> Termo usado para designar os diversos grupos criados na miscigenação entre portugueses, indígenas e negros que passaram a habitar a região a partir da desagregação da experiência missionária.

<sup>4</sup> Europeus não provenientes da península ibérica. De forma especial os alemães, italianos, eslavos, poloneses, russos, austríacos, suecos, entre outros.

<sup>5</sup> Termo usado para designar as primeiras regiões de colonização alemã e italiana do RS, situadas na região do Vale do Rio dos Sinos e da Serra Gaúcha.

<sup>6</sup> Termo usado para designar as colônias que se criaram na região do Planalto Riograndense, a exemplo de Ijuí, Cruz Alta e Passo Fundo.



fundado na pequena propriedade familiar, no pequeno comércio e na agroindústria (ROTTA, 2007).

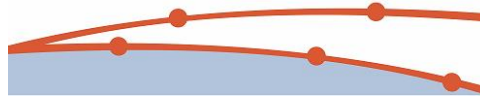
Em pouco mais de meio século o município de Santa Rosa transforma-se em um polo de referência regional, estadual e nacional. O município-mãe da região conhecida historicamente como a “Grande Santa Rosa”, formada por 20<sup>7</sup> municípios que compõe o Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) Fronteira Noroeste. Segundo o IBGE (2018), Santa Rosa possui uma população estimada de 72.919 mil habitantes, constituindo-se como o 31º maior Produto Interno Bruto (PIB) do estado (IBGE, 2016), com destaque para a área de serviços, indústria e agropecuária. O município de Santa Rosa é responsável por 33,75% do PIB da região da Fronteira Noroeste.

No que tange à geração de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) a indústria do município de Santa Rosa é responsável por arrecadar 48% dos tributos, seguida pelo comércio com 39% e serviços com 8,8% (FEE, 2017). O Valor Adicionado Bruto (VAB) é o valor que cada setor da economia (agropecuária, indústria e serviços) acresce ao valor final de tudo que foi produzido em uma região. Em relação ao VAB, para o município de Santa Rosa, o setor de serviços representa 61,8%, seguido da indústria com 20,8%, administração pública com 13,2% e setor agropecuário com 4,1% (SEBRAE, 2015). De acordo com Rossini (2017), o setor de serviços volta-se principalmente para a manutenção e reparos, transportes, armazenagens, correio, atividade imobiliária e aluguéis. A indústria destaca-se no segmento de transformação de máquinas e equipamentos para agricultura e pecuária e segmento alimentício.

De acordo com análises realizadas pela Agenda 2020, com base de dados extraída da FEE, o PIB *per capita* do município de Santa Rosa é de R\$ 33.325,00 – o que o coloca em estado de alerta, visto que é inferior à média estadual – R\$ 33.960,00, no entanto superior à média nacional R\$ 29.323,00 (AGENDA2020, 2018). O PIB *per capita* do município de Santa Rosa poderá elevar-se se houver queda populacional, caracterizando um movimento contrário ao que se apresenta nos últimos anos com registro de crescimento da população. Já em relação à distribuição de postos de trabalho formais, isto é, com carteira assinada, percebe-se concentração no setor terciário, com grande participação do comércio e dos serviços na economia local. O setor primário contribui com apenas 2% na

---

<sup>7</sup>Alecrim, Alegria, Boa Vista do Buricá, Campina das Missões, Cândido Godói, Doutor Maurício Cardoso, Horizontina, Independência, Nova Candelária, Novo Machado, Porto Lucena, Porto Mauá, Porto Vera Cruz, Santa Rosa, Santo Cristo, São José do Inhacorá, Senador Salgado Filho, Três de Maio, Tucunduva e Tuparendi.



geração de empregos do município, sendo que a indústria e a construção civil, integrantes do setor secundário, juntas, representam pouco mais de 32% das vagas no município. De acordo com os dados do SEBRAE (2015) a respeito do porte das empresas, a grande maioria dos estabelecimentos são empreendedores individuais e microempresas, as pequenas empresas representam em torno de 11% e as médias e grandes menos de 2%.

Em 2010, 88,01% da população de Santa Rosa residia em área urbana, enquanto que 11,99% residia no campo (IBGE, 2018). No período de 20 anos Santa Rosa teve acréscimo populacional de pouco mais de 10 mil habitantes. Entre 2000 e 2014 apenas Santa Rosa apresentou crescimento populacional significativo em relação aos demais municípios do COREDE Fronteira Noroeste, prevalecendo um esvaziamento populacional nas regiões menos desenvolvidas (COREDE, 2017).

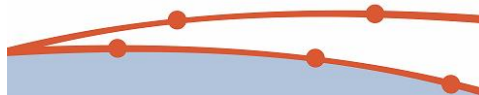
De acordo com Rossini (2017), o índice de Gini<sup>8</sup> - que mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar *per capita*, seu valor é de 0 (zero) quando não há desigualdade e tende à 1 (um) na medida em que a desigualdade aumenta -foi de 0,60 no Brasil, 0,54 no RS, 0,47 em Santa Rosa, no ano de 2013.

Considerando o Índice de Desenvolvimento Socioeconômico - IDESE do ano de 2014, o município encontra-se no 64º lugar no Bloco Educação, com índice de 0,78; no 135º lugar no Bloco Renda, com índice de 0,75; e no 181º lugar no Bloco Saúde, com índice de 0,85. Apresenta índices próximos, porém inferiores comparados aos do COREDE Fronteira Noroeste nos Blocos Educação e Renda e encontra-se na classificação geral em 100º lugar no Estado, com índice de 0,79, valor igual ao IDESE do COREDE (FEE, 2017).

Segundo dados recentemente divulgados pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), em 2018, o município de Santa Rosa está na 69ª posição no ranking nacional no que tange ao índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM) com 0,8520 pontos. O IFDM avalia anualmente os municípios nos aspectos emprego e renda, educação e saúde. Os dados da pesquisa correspondem ao ano de 2016 e consideram cidades com o índice entre 0,8 e 1,0 como de alto desenvolvimento. Santa Rosa é 12ª cidade mais desenvolvida do estado, sendo que a maioria dos municípios do Rio Grande do

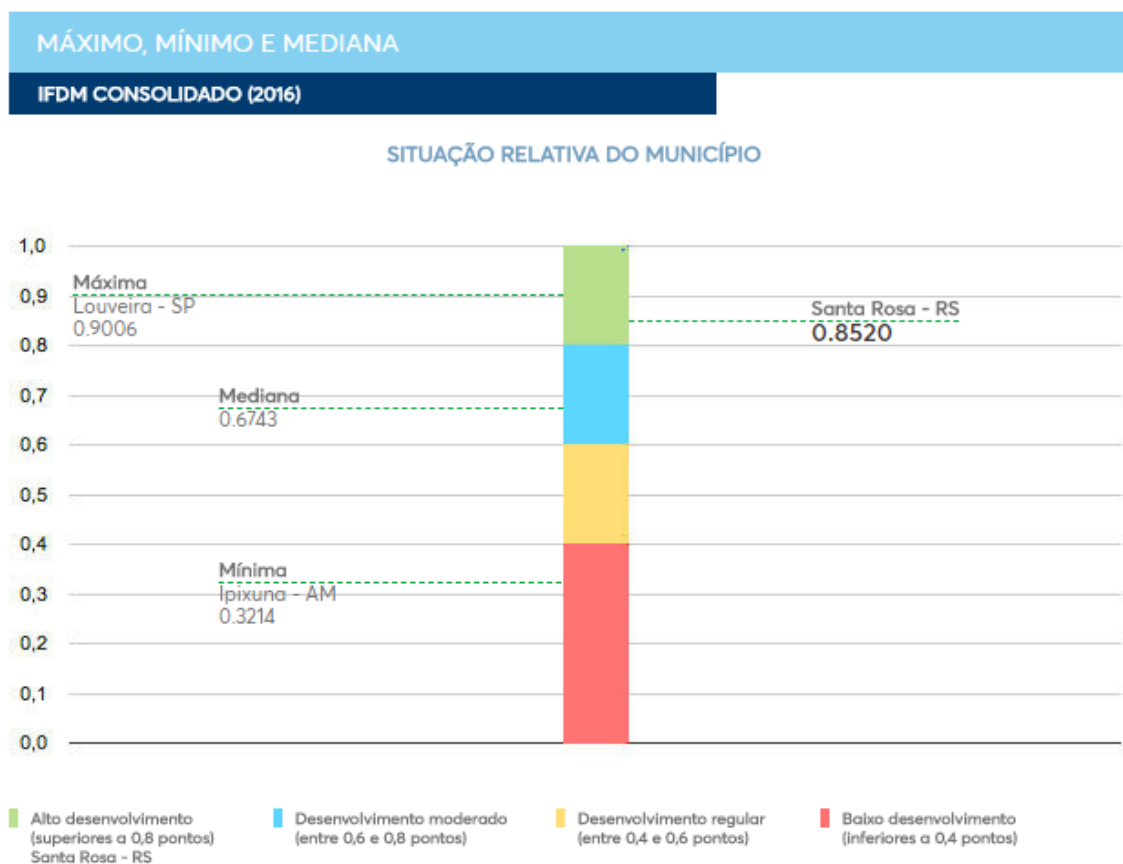
---

<sup>8</sup> O Índice de Gini mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. Seu valor varia de 0, quando não há desigualdade (a renda de todos os indivíduos tem o mesmo valor), à 1, quando a desigualdade é máxima (apenas um indivíduo detém toda a renda).



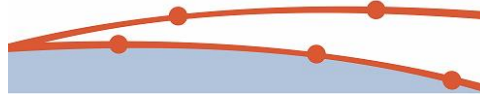
Sul (51,22%) possui desenvolvimento moderado, com índice de 0,6 a 0,8. O gráfico a seguir traz a situação relativa do município de Santa Rosa no cenário nacional.

**Figura 1:** IFDM Consolidado em 2016.



**Fonte:** Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal, 2018.

Inicialmente agrícola, a região da Fronteira Noroeste passou a ser referência na fabricação de máquinas e implementos agrícolas na década de 1950, com a instalação de parques fabris (FEE, 2016). Segundo Büttenbender (2006), os processos de industrialização, tanto dos produtos gerados pela agricultura e pecuária, quanto da indústria metalmeccânica, permitiram um reposicionamento da região em relação ao mercado estadual, nacional, e internacional. Passou a ser crescente a capacidade competitiva em outros mercados. Neste sentido, Büttenbender, (2006) argumenta:



Pelo enfoque teórico aqui priorizado, pode-se falar, então, na região, ou território da Grande Santa Rosa – Fronteira Noroeste, como um território que, pela análise de grande parte de seus eventos históricos, pode ser considerado inovador. Inovador, considerando o conceito de inovação territorial aqui destacado: a capacidade socioterritorial de construção de soluções criativas aos desafios que se apresentam em cada momento da história. (p. 22).

Segundo o Plano Estratégico de desenvolvimento da região da Fronteira Noroeste (2017) a região é responsável por 40% da indústria de equipamentos agrícolas do país. Outro grande destaque é a indústria de processamento de alimentos, especialmente nos ramos de laticínios e carnes. O setor moveleiro possui mais de 100 indústrias, tornando a região também conhecida como um polo moveleiro. No setor metalmeccânico, Santa Rosa e região são modelos no segmento industrial pela fabricação de peças, máquinas e implementos agrícolas para as grandes montadoras de colheitadeiras localizadas nos municípios de Santa Rosa e Horizontina, respectivamente, consolidando o mais vigoroso polo metalmeccânico do país voltado para a agricultura.

## **2 A fundação da Associação Comercial e Industrial de Santa Rosa no contexto histórico dos anos 1930 a 1960**

A Associação Comercial, Industrial, Serviços e Agropecuária de Santa Rosa - ACISAP sempre se fez participativa como palco das discussões acerca do desenvolvimento regional. De portas abertas para a comunidade a fim de criar meios para o crescimento da região, a discussão sobre desenvolvimento esteve presente em todas as gestões. Ramos e Marino (2004) conceituam o desenvolvimento regional a partir da dualidade, onde, de um lado, encontra-se o processo global corporativo, incidindo como fator exógeno nas comunidades e, de outro, a reação das mesmas, em termos socioambientais, que emana endogenamente. Interferem nesse processo, como condicionantes, as configurações históricas regionais, sociais e físico-naturais específicas, as quais dão causa ao processo de desenvolvimento regional e também sua dinâmica, sintetizando, portanto, uma combinação de assimilação/reação.

Do ponto de vista endógeno, a ACISAP, Inicialmente dedicada à discutir os anseios dos comerciantes santa-rosenses, tornou-se o ponto de encontro para tratar das adversidades, discutir alternativas e buscar soluções. Pela escassez de outras entidades





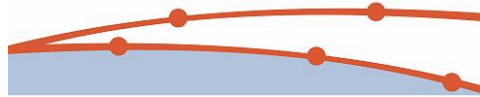
que representassem os anseios dos comerciantes, a associação passou a ampliar o olhar para além do comercial, afinal, o desenvolvimento permeava todas as atividades econômicas. A partir deste ponto, a Associação Comercial e Industrial de Santa Rosa passou a tratar de desenvolvimento local-regional, considerada a entidade representativa dos interesses econômicos do município (CHRISTENSEN, 2017).

[...] vamos encontrar a atuação decisiva e o forte espírito de liderança da Associação Comercial e Industrial de Santa Rosa, assumindo frentes reivindicatórias importantes e históricas, cujo papel foi sempre o de orientar, sinalizar, buscar novas estratégias para o desenvolvimento e conciliar os interesses coletivos tendo sempre em mente a defesa da livre iniciativa; esse objetivo fez com que a Associação Comercial e Industrial de Santa Rosa abrisse os mais diferentes fóruns de discussão para as questões mais prementes ao desenvolvimento da cidade e do município, questionando políticas governamentais, sugerindo e participando ativamente das decisões. (p.7).

A Colônia Santa Rosa, inicialmente pertencente ao município de Santo Ângelo, foi fundada em 1915 sob ordens do Coronel Bráulio de Oliveira, que era proprietário de uma vasta área de terras na região. O coronel era Intendente de Santo Ângelo durante quase 20 anos, chefe político e Presidente do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) na região das Missões. Iniciou-se um trabalho de demarcação para comercialização dos lotes de terras, os quais foram vendidos por um valor médio de 500 mil réis. A partir da década de 1920, a ocupação da região se deu também em função estratégica de defesa, em especial às fronteiras. Muitos colonos vieram da região norte do estado, descendentes alemães, italianos, eslavos, além de colonizadores nacionais.

Destaca-se neste cenário a figura do Dr. João Abreu Dahne, administrador da colônia até 1930 e Comissário de Terras cuja função previa a colonização de toda a região. Inicialmente boa parte da produção se dava por atividades extrativistas, dentre elas a erva-mate e a comercialização de madeira. De acordo com Christensen (2017):

Os ervais nativos eram outra fonte de riqueza, tanto que em 1927, havia 11 indústrias ervateiras, produzindo mais de 100.000 quilogramas de erva anualmente. Mais tarde, quando estas fontes foram se esgotando, começaram a surgir novos empreendimentos, tais como: fábricas de cervejas, de vinho, de aguardente, moinhos de trigo e de mandioca e outras atividades econômicas. (p. 27).



A Colônia Santa Rosa, pouco antes de sua emancipação política, em 1931, contava com 186 casas comerciais, sendo que o comércio era a chave do desenvolvimento regional. Há exatos 110 dias após a emancipação do município fundou-se, em 18 de outubro de 1931, a Associação Comercial e Industrial de Santa Rosa. Por um esforço das lideranças locais, a entidade tinha como objetivos:

- a) Proteger seus associados de tudo o quanto seja possível, para o seu bem estar comercial e em seu benefício;
- b) Proteger e unificar o comércio e a indústria;
- c) Enviar demandas comerciais entre os seus associados;
- d) Tratar em juízo, ou por qualquer outro meio legal, dos assuntos que sejam do interesse da classe;
- e) Solicitar aos Governos Federal, Estadual e Municipal, vantagens e direitos que pudessem beneficiar a classe;
- f) Manter um escritório sob a direção de um técnico, assistido por quantos funcionários forem necessários para prestarem assistência e orientação de acordo com o que fica estabelecido no regulamento interno;
- g) Criar e manter um fichário atualizado com nomes, profissões, domicílio e data de falecimento de todos os associados.
- h) Estar presente em todas as demandas que visem incrementar o desenvolvimento do comércio e da indústria do município, desde a fundação até o momento presente.

Após a crise econômica de 1929, a Revolução de 30 e os embates políticos que culminaram com a afirmação de Getúlio Vargas no governo, a região padecia de atenção. Faltavam estradas decentes para escoamento de produção, as ferrovias eram escassas e a crise mundial desorganizou a vida econômica do Brasil, causando pânico nos exportadores e importadores. Christensen (2017) relata que neste cenário, a região colonial de Santa Rosa produzia apenas produtos agrícolas destinados ao mercado interno, valorizando a produção comercial diversificada. No entanto, a autora também afirma que, apesar das dificuldades iniciais, o processo de ruptura com o passado colonial e a decolagem para o processo de industrialização do país ocorreram devido a estes importantes fatores históricos.

Nesta época, uma crise administrativa abalou o município. A emancipação exigia uma organização institucional sobre a qual os líderes não exerciam domínio. No decorrer dos anos de 1931 a 1935, a Associação Comercial e Industrial desempenhou importante



papel como intermediadora de conflitos e órgão competente na busca por estratégias resolutivas. A policultura era a atividade predominante e permitiu que, por meio da circulação monetária, a região embarcasse no processo de industrialização.

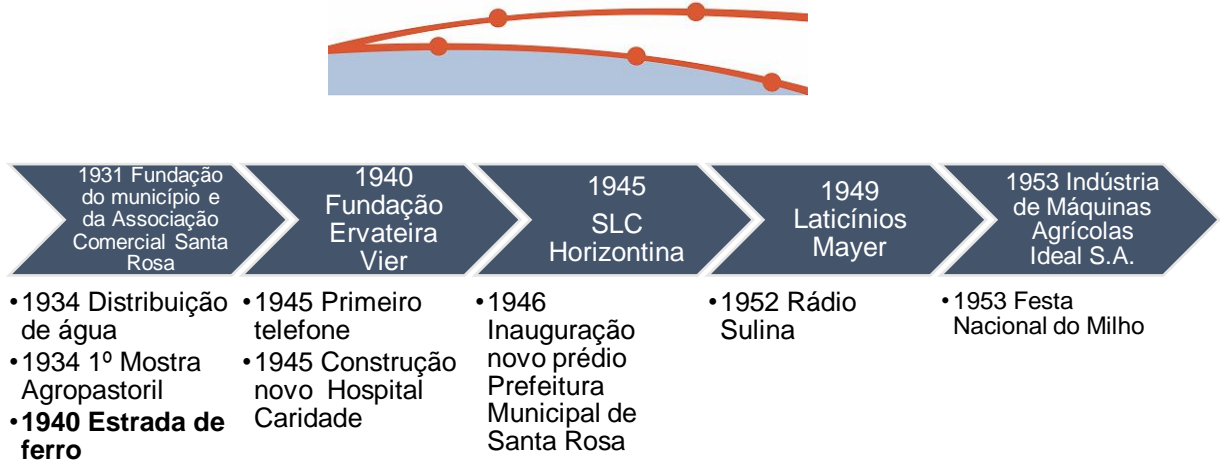
As dificuldades apresentadas pelas gestões municipais fizeram com que, nos primeiros anos da emancipação política de Santa Rosa, a Associação Comercial e Industrial assumisse o papel de principal gestora das questões de primeira necessidade do novo município, tais como, melhoria das estradas, abastecimento de água, luz, e muitas outras reivindicações. (CHRISTENSEN, 2017, p. 64).

Nesta época, o município de Santa Rosa possuía diversos nichos de atuação, dentre eles, destacam-se: cervejarias, ervateiras, moinhos de farinha de trigo e mandioca, extração de óleo de linhaça, amendoim, mamona, girassol, produção de banha de porco, serrarias, produção de laticínios, torrefação e moagem de café, fabricação de móveis e instrumentos musicais, dentre outras atividades. Em março de 1934 a Associação Comercial e Industrial em parceria com o Centro das Uniões Coloniais em Santa Rosa promoveu a primeira Mostra de Produtos Agropastoril e Industrial que contou com 300 expositores e objetivava incentivar a produção agrícola, comercial e industrial. Segundo dados do IBGE, a população do município ultrapassava os 35 mil habitantes nesta época, proporcionando maior movimento de compra e vendas aos estabelecimentos comerciais.

Um dos entraves ao desenvolvimento no que tange ao escoamento da produção era a ausência de um ramal férreo no município de Santa Rosa. No ano de 1937 concluiu-se a ligação de Giruá ao ramal férreo de Cruzeiro, no entanto ainda faltavam cinco quilômetros até Santa Rosa. A finalização do trecho se deu em 1940, após a intervenção de líderes locais representantes da Associação Comercial por meio de articulações políticas.

A trajetória de Santa Rosa esteve sempre marcada pelo importante posicionamento da ACISAP como mediadora e propulsora do desenvolvimento. A figura 2 traz marcos históricos importantes da trajetória do município. Em destaque estão as indústrias referência como diferenciais competitivos da região.

**Figura 2:** Marcos históricos de desenvolvimento de Santa Rosa.

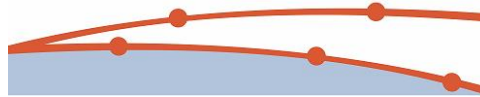


**Fonte:** Elaborado pela autora, 2018.

O desenvolvimento veraz pode ser atribuído à uma gama de fatores, mas é indiscutível que a estrada de ferro contribuiu substancialmente para isto. Ainda em 1940 ocorreu a fundação da Ervateira Vier, importante indústria que figura até hoje como referência no estado. O ano de 1945 foi instalado o primeiro telefone. Também neste ano foi construído um novo edifício para Hospital de Caridade, um esforço realizado pelos sócios que contribuíram financeiramente para a melhoria estrutural da saúde do município e região. Outro fato marcante foi a instalação, no município de Horizontina, da SLC Comercial de Balduíno Schneider e Frederico Logemann, empreendedores da época que vislumbraram na cultura de milho e soja uma oportunidade. Inicialmente realizavam serviços de funilaria e ferraria, após entraram no ramo de oficina de motores de automóvel, de geradores de energia elétrica e de reparos de peças para então, em 1947, iniciarem a fabricação das primeiras trilhadeiras.

Em 1949 instala-se em Santa Rosa, a Laticínios Mayer, empresa de processamento de leite, que ficou conhecida nacionalmente pelos produtos lácteos manteiga e queijo com a marca Santa Rosa. No ano de 1953 instala-se a Indústria de Máquinas Agrícolas Ideal S.A., cujo ramo de atividade inicial eram moinhos industriais. A partir de década de 60, a Ideal passou a produzir trilhadeiras e mais tarde colheitadeiras. Outro marco importante na história do município foi a instalação do Frigorífico Santa-Rosense S.A. em 1956. A figura 3 abaixo ilustra os importantes fatos em forma de linha do tempo.

**Figura 3:** Marcos históricos de desenvolvimento de Santa Rosa (2ª parte).



- 1957 Inauguração Aeroporto Municipal
- 1958 Inauguração SESC
- 1961 Inauguração SESI
- 1962 TV a cores
- 1962 Corsan
- 1964 Criação da Associação dos Municípios da Grande Santa Rosa
- 1965 Operação Tatu
- 1966 1ª Fenasoja
- 1983 1º Musicanto
- 1983 1º Hortigranjeiros

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2018.

Importante ressaltar que neste período que sucedia o final de 2ª Guerra Mundial, a região mostrava-se pujante, apesar das questões de cunho étnico e das represálias que os descendentes de alemães estabelecidos na região sofreram. No entanto, o êxodo rural fez com que muita gente do campo viesse tentar a vida como operário na cidade, formando mão-de-obra excedente e contribuindo para a desigualdade social.

A partir dessas mudanças, da nossa região migraram milhares e milhares de agricultores. A penetração do modelo capitalista no campo, além do empobrecimento das terras e as dificuldades daí decorrentes, determinaram uma forte pressão demográfica e econômica, que vai ficar evidenciada como um grande movimento de população também conhecido como Êxodo Rural. (CHRISTENSEN, 2017, p. 129).

No entanto, a partir da década de 1950, não somente o município de Santa Rosa, mas toda a região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul precisou iniciar um processo de reestruturação a fim de transformar sua estrutura socioeconômica para continuar competitiva nos cenários estadual e nacional.

Paralelo a esse processo de integração mais acentuada a um mercado nacional, a região passou a enfrentar dificuldades para reproduzir o modelo implantado com a colonização. O esgotamento da fronteira agrícola ocasionou constantes repartições de colônias e uma pressão sobre o mercado de terras, aumentando o custo das mesmas e, conseqüentemente, o custo de produção dos principais produtos da região. Na medida em que a terra se tornou escassa, o agricultor passou a intensificar seu uso, abrindo mão das reservas de mata. A pouca rotatividade dos produtos cultivados,



dada à necessidade de produzir o que tinha demanda no mercado, e a ausência de técnicas de preservação e correção do solo acabaram ocasionando a queda da produtividade agrícola, levando a um aumento do custo de produção do suíno e à perda da competitividade em relação a outras regiões do estado. (ROTTA, 2007, p.183).

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio de seu Departamento de Agronomia, juntamente com a Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural – ASCAR (que mais tarde viria a tornar-se a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER), estava realizando ensaios com uma equipe de pesquisadores americanos da USAID (*United States Agency for International Development*<sup>9</sup>). Assim nasce a Operação Tatu ou Plano Estadual de Desenvolvimento do Solo, inicialmente no município de Ibirubá em 1966. O objetivo do projeto era recuperar, melhorar e incrementar a produtividade agrícola gaúcha, especialmente pela recuperação do solo (UFRGS, 2016).

Neste contexto, sob o esforço de muitos atores locais, em especial o presidente da Associação Comercial e Industrial da época, Sr. Pedro Carpenedo, foram trazidos à Santa Rosa um grupo de pesquisadores americanos que faziam as análises do solo da região. Foram necessárias inúmeras vindas dos profissionais americanos para a região, coletas de amostras de solo, ensaios e testes a campo. O resultado, que inseriu o uso do calcário e outros fertilizantes como recuperadores do solo, foi o que devolveu a produtividade às terras e o aumento da competitividade. Abaixo descrito está o relato do Sr. Pedro Carpenedo no livro: SOJA, 80 ANOS DE PRODUÇÃO 1924-2004:

[...] a correção dos solos foi uma coisa extraordinária que aconteceu para o progresso da agricultura brasileira. Vale a pena também contar como começamos. Todos os agricultores da região acreditaram no projeto. Íamos fazer visitas, dia de campo, como acontece de vez em quando ainda hoje, então mostrávamos essas lavouras. Quando eles viam a diferença entra a área normal e a área corrigida e sabiam que o dinheiro estava à disposição no Banco não havia mais quem segurasse. O problema foi atender a demanda. [...] o quadro da conjuntura regional começa a ser modificado. A vida do agricultor, a indústria e o comércio, cresceram e se expandiram. A partir de então, tem início a fase de prosperidade de Santa Rosa (p.172).

---

<sup>9</sup>A Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, mais conhecida como USAID, é um órgão do governo americano encarregado de distribuir a maior parte da ajuda externa de caráter civil. É um organismo independente, embora siga as diretrizes estratégicas do Departamento do Estado Americano, A USAID surgiu em 1961 e atua como um reforço à política externa dos EUA, cooperando com os países receptores nas áreas de economia, agricultura, saúde, política e assistência humanitária.



Estes importantes fatos históricos relatados corroboram com Rotta (1999), que alude a tradição histórica da região relacionada à mobilização comunitária com o objetivo principal de buscar alternativas para o desenvolvimento.

Em 1979, a tecnologia John Deere passou a ter aplicação em todos os produtos da fábrica SLC de Horizontina, quando a mesma adquiriu participação acionária, na então Schneider Logemann, alterando assim a razão social para SLC S.A. Indústria e Comércio. Em 2015 a John Deere comemorou 50 anos de história em Horizontina. A fábrica tem atualmente uma área coberta de 122.700 metros quadrados, sendo esta a maior unidade no Brasil e é uma das plataformas mundiais de exportação e de desenvolvimento tecnológico da John Deere (ACIAP, 2018).

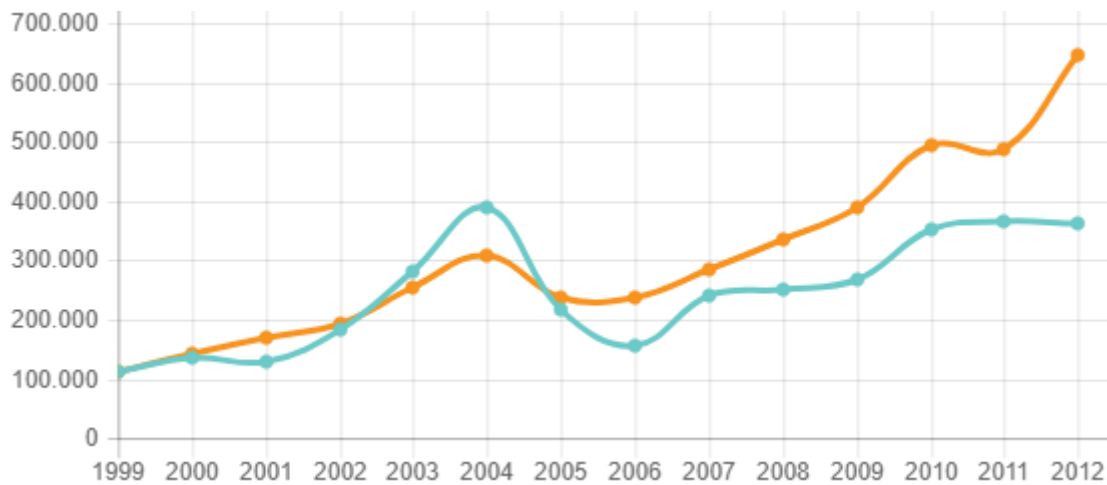
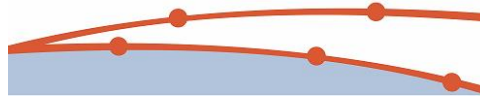
Já a IDEAL S.A. tornou-se AGCO do Brasil em 1990 e atualmente emprega mais de 400 pessoas, no município de Santa Rosa. Há de valorizar o importante papel destas duas gigantes da indústria agrícola, líderes de mercado mundial, no desenvolvimento econômico da região. A partir delas é que se formou um importante polo metalmeccânico em Santa Rosa, localizado na área industrial do município formada por empresas prestadoras de serviço para John Deere e AGCO, atendendo aos mais rígidos padrões de qualidade exigidos pelas montadoras. O polo metalmeccânico regional conta com 376 indústrias voltadas, especialmente, ao agronegócio (SIMMME-SR<sup>10</sup>, 2018).

Sendo assim, destacam-se neste cenário os municípios de Santa Rosa e Horizontina, que por meio da industrialização do segmento de máquinas agrícolas, demonstraram um valor agregado bruto destaque na região da Fronteira Noroeste.

**Figura 4:** VAB (Valor adicionado bruto<sup>11</sup>) em R\$ x1000 do segmento industrial dos municípios de Santa Rosa (linha laranja) e Horizontina (linha azul).

<sup>10</sup>Sindicato das Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Santa Rosa – SIMMME-SR é fruto da mobilização de um grupo de empresários que fundaram a Associação das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Santa Rosa em 1983 e que transformou-se em sindicato em 1985, abrangendo os municípios de Santa Rosa, Giruá, Três de Maio, Horizontina, Tucunduva, Tuparendi e Santo Cristo.

<sup>11</sup> O VAB é o valor da "produção sem duplicações", e se obtém descontando-se do Valor Bruto da Produção (VBP) o valor dos insumos utilizados no processo de produtivo. Em sua análise, o IBGE lembrou que o valor adicionado bruto é sempre calculado a preços básicos, exclui qualquer imposto e qualquer custo de transporte faturado separadamente, e inclui qualquer subsídio sobre o produto (Valor Econômico, 2012).



Fonte: IBGE, 2018.

Tratando-se de desenvolvimento endógeno, há de se considerar, de acordo com Ilha et al (2016), que alguns fatores alteraram o debate teórico sobre o desenvolvimento econômico exógeno, dentre eles: a crise do modelo de produção em massa no final dos anos 60, o desempenho de alguns países da Ásia, os Tigres Asiáticos, e a experiência de sucesso da região denominada Terceira Itália<sup>12</sup>. O autor relata que a experiência italiana possuía características peculiares, dentre as quais cita:

a) a pequena empresa também era funcional ao processo de acumulação de capital; i.e., também poderia gerar crescimento econômico. O problema não estava no tamanho em si, mas na sua atuação dispersa no território. A proximidade geográfica com outras empresas do mesmo setor e de ramos auxiliares permitiria que esse porte de estabelecimento fosse tão ou mais eficiente que a grande empresa integrada verticalmente;

b) o desenvolvimento também poderia ser alcançado através da exploração de recursos locais, de particularidades apresentadas pelo território, ou de seu ambiente produtivo e institucional, os quais não pudessem ser clonados, e que distinguiriam as empresas a ele pertencentes. Essas características tornariam possível o desenvolvimento endógeno. (FEE, 2012, p. 12).

<sup>12</sup> Este nome derivou-se da divisão de regiões pelos seus respectivos desempenhos econômicos, onde o noroeste tradicionalmente rico era denominado de primeira Itália, mas passava por uma crise profunda. O Sul de pouco progresso era denominado de segunda Itália. E a região do centro e do nordeste, mostrava-se em crescimento, através de aglomeração de pequenas firmas, sendo denominada então de terceira Itália. Este modelo se fundamenta no complexo produtivo dos seus distritos industriais, clusters e até mesmo Sistemas Locais de produção, estas são as formas que mais são utilizadas para determinar os agrupamentos de Pequenas e Médias Empresas (PMEs) (ILHA et al, 2016).





Levando em conta o perfil da região objeto deste estudo, ou seja, a Fronteira Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, há de se convir que existem semelhanças com a região da Terceira Itália, em especial em relação às características de endogenia, convergência de atividades para um setor específico, com o agrupamento de pequenas e médias empresas. Em estudos realizados por Bagnasco, Becattini e Garafoli, os autores retomam o arcabouço teórico de Marshall<sup>13</sup> e o complementam com uma análise histórica das densas relações interpessoais entre os agentes locais (POCHMANN, 2004).

De acordo com Dallabrida e Buttenbender (2006), as soluções apontadas no planejamento estratégico de Santa Rosa e região fogem às tradicionais, a inovação e o protagonismo são facilmente perceptíveis. Uma importante característica da região sempre foi a forte mobilização social e comunitária. Os autores concluem dizendo:

[...] mesmo tendo adotado padrões de desenvolvimento que tenham provocado diferentes formas de exclusão, [a região] foi capaz, historicamente, de dar resposta a desafios como: na década de 40-50, inserir o excedente de produção local no mercado nacional e internacional, por exemplo, a decisão de industrialização na área da suinocultura, além da “Operação Tatu”. (DALLABRIDA; BUTTENBENDER, 2006, p.19).

O espírito empreendedor e o grande desafio da competitividade, enquanto fator para sobrevivência, fizeram destes precursores grandes vencedores. Há de se reconhecer que todo o esforço dispensado trouxe um legado que hoje ainda faz da região, um polo de crescimento.

## Considerações finais

A trajetória da Associação Comercial, Industrial, Serviços e Agropecuária de Santa Rosa mescla-se à história do município e constitui-se como um instrumento fundamental no processo de desenvolvimento do mesmo. Fundada em 18 de outubro de 1931, com a

---

<sup>13</sup> Alfred Marshall (1842-1924) foi um dos grandes mestres da economia inglesa. Sua mais conhecida obra foi “Os Princípios da Economia” (1890) em que o economista ressalta o papel desempenhado pelas condições naturais e pela ação do Estado no desenvolvimento da região. Evidencia aspectos relevantes em relação aos excessos da ordem econômica de sua época. Mesmo acreditando que as forças do mercado eram capazes de distribuir os recursos da melhor maneira possível entre os diversos usos alternativos e que a distribuição da renda era baseada na justiça natural, ele critica a forma bárbara e desnaturada como se apresentava a livre iniciativa (ROTTA, 2007).



denominação de Associação Comercial e Industrial de Santa Rosa, ela converteu-se em uma instituição que não representa apenas os interesses do empresariado, mas também de outros grupos sociais da sociedade local e regional. Sua história é marcada pela participação ativa de seus associados, por experiências de gestões plurais e compartilhadas e pelo compromisso com a formação permanente de novas lideranças.

A atuação decisiva da ACISAP no processo de desenvolvimento do município de Santa Rosa e da região Fronteira Noroeste pode ser referenciado, de forma especial, em dois momentos históricos cruciais. O primeiro deles se dá ao final da década de 1950 e início da seguinte, quando se tem uma crise da agropecuária tradicional. A percepção da realidade, a capacidade de articulação e a mobilização de seus associados e outras lideranças locais e regionais viabilizou a “Operação Tatú”, no sentido de viabilizar a modernização da agropecuária local-regional e reinserir, em novos moldes, a região no cenário estadual, nacional e internacional. O segundo momento decisivo se dá no contexto da crise da segunda metade da década de 1980 e primeira metade da seguinte. Neste, foi decisivo o trabalho realizado pela ACISAP na articulação da parceria entre o poder público municipal, as indústrias multinacionais de produção de máquinas e implementos agrícolas (AGCO e John Deere) e as empresas locais do ramo metalmeccânico, no sentido de criar um polo do setor, com inserção regional, nacional e internacional.

A história da ACISAP, do município de Santa Rosa e da região Fronteira Noroeste se entrelaçam, registrando as marcas de uma instituição que nasce das demandas do empresariado local, mas que acaba constituindo-se em importante instrumento de articulação dos interesses de diversos grupos sociais, transformando-se em protagonista do desenvolvimento local e regional.

## Referências

AGENDA 2020. **Santa Rosa**. Disponível em: <<http://agenda2020.com.br/sinaleira/santa-rosa/>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE HORIZONTINA. **John Deere Brasil**. Disponível em: <<http://aciaphz.com.br/index.php/item/58-john-deere-brasil-ltda>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BÜTTENBENDER, P.L.; DALLABRIDA, V.R. **Planejamento Estratégico Territorial: a experiência de planejamento do desenvolvimento na região Fronteira Noroeste-RS-Brasil**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. Disponível em:



<<http://www2.al.rs.gov.br/forumdemocratico/LinkClick.aspx?fileticket=7to85-ii8lk%3D&tabid=5363&mid=7972>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

CASTRO, A. **Storytelling para Resultados**: como usar estórias no ambiente empresarial. 1. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2013.

CHRISTENSEN T.N.S. **ACISAP: 86 Anos no Palco da História**. A Força Do Empresariado na Vanguarda do Desenvolvimento Comercial, Industrial, Tecnológico e Cultural de Santa Rosa. Santa Rosa, 2017. No prelo.

CHRISTENSEN, T.N.; BINDÉ C.J.R. **Soja: 80 Anos de Produção 1924-2004**. Santa Rosa: Lucano, 2004.

CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO. **Plano Estratégico de Desenvolvimento da Região da Fronteira Noroeste 2015-2030**. Corede Fronteira Noroeste. Editora UNIJUÍ, Ijuí, 2017.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Consulta ao Índice**: Santa Rosa. Disponível em: <<http://www.firjan.com.br/ifdm/consulta-ao-indice/ifdm-indice-firjan-de-desenvolvimento-municipal resultado.htm?UF=RS&IdCidade=431720&Indicador=1&Ano=2016>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

FEIRA NACIONAL DA SOJA. **SOJA 80 Anos de Produção – 1924 -2004**. Santa Rosa RS: Editora FENASOJA, 2004.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Os desafios do desenvolvimento local**. Porto Alegre, p.12, 2012. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/wp content/uploads/2014/03/20140312desafios-do-desenvolvimento-local.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

ILHA, A.S.; ARRUDA, D.C., ALVES, F.D. **O modelo italiano de desenvolvimento regional**: algumas proposições para a metade sul do rio grande do sul. Disponível em: <https://www.fee.rs.gov.br/3eeg/Artigos/m11t05.pdf>.. Acesso em: 28 jun.2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Produto interno bruto dos municípios. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/horizontina/pesquisa/38/46996?tipo=grafico&indicador=47019&ano=2012&localidade2=431720>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

PESSOA, M. L. (Org.). **PIB e VAB do RS**. In: \_\_\_\_\_. Atlas FEE. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: < <http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/economia/pib-vab-do-rs/> >. Acesso em: 13 mar. 2019.

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida em formação**: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. Educação e Pesquisa, São Paulo, 32(2):329-343, maio/ago. 2006.



POCHMANN, M.; AMORIM, R. (Orgs.). **Atlas da exclusão social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.

RAMOS, M. P. MARINO, J. F. **Condicionantes históricos o desenvolvimento capitalista global em nível regional**. In: WITTMANN, Milton Luiz; RAMOS, Marília Patta. **Desenvolvimento regional: capital social, redes e planejamento**. Edunisc, Santa Cruz do Sul, 2004.

ROTTA, E. **A Construção do Desenvolvimento**. Análise de um “modelo” de integração entre o regional e o global. A experiência da Grande Santa Rosa. Ijuí RS: Editora UNIJUÍ, 1999.

ROTTA, E.; **Desenvolvimento regional e políticas sociais no noroeste do estado do Rio Grande do Sul**. 2007, 338 f. Tese (Doutorado em Serviço Social). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Perfil Cidades Gaúchas – Santa Rosa**. Disponível em: <[http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil\\_Cidades\\_Gauchas-Santa\\_Rosa.pdf](http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Santa_Rosa.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2019.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE SANTA ROSA. **Empresas Associadas**. Disponível em: <http://www.simmesr.com.br/empresas-associadas>. Acesso em: 14 mai 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Reunião celebra os 50 anos da Operação Tatu**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/reuniao-celebra-os-50-anos-da-operacao-tatu>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

ZARTH, Paulo. **História agrária do planalto gaúcho 1850 - 1920**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1997.